

Aula 5

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, CULTURA E IDEOLOGIA

META

Discutir sobre as relações entre o ensino, a cultura e a ideologia, partindo-se do pressuposto de que toda mensagem é ideológica por natureza.

OBJETIVOS

At the end of this class, it is expected that the students:
Revisar o conceito de Cultura e Identidade;
Apresentar os conceitos de Ideologia;
Discutir as questões relacionadas à ideologia e ao ensino de LE;
Compreender o relacionamento entre termos tais como criticidade, autonomia e empoderamento.

PRERREQUISITOS

Ter conhecimento acerca dos conceitos de cultura e identidade.

Elaine Maria Santos
Rodrigo Belfort Gomes

INTRODUCTION

Caro aluno, iniciamos, neste momento, o estudo da relação entre o ensino de língua inglesa, cultura e ideologia. Como visto nas unidades anteriores, o ensino de LI não pode ser descontextualizado e baseado apenas na análise de aspectos linguísticos. A inter-relação entre língua e cultura já foi evidenciada, de modo que não se pode mais ensinar um idioma desconsiderando-se as relações interpessoais, o contexto, a bagagem cultural dos interlocutores e as discussões que podem ser possibilitadas.

Nesse contexto, é importante a percepção de que nenhum discurso é neutro e que há uma relação entre ensino e ideologia. Assim, nesta aula, iremos estudar o que é ideologia e perceber que todo discurso é ideológico, o que faz com que tenhamos muito cuidado com as opiniões que damos em sala de aula e com as conduções das discussões que são estabelecidas, de modo que o aluno possa refletir e se posicionar diante dos assuntos discutidos, e não simplesmente reproduzir o discurso do professor.

Ao estudar a relação entre o ensino de um idioma e a ideologia, iremos perceber a importância em se estabelecer um ambiente que privilegie a autonomia e o empoderamento do aluno, em uma perspectiva educacional que veja na educação uma possibilidade de luta e de conquista de espaços e não um local passivo de internalização de conhecimentos.

Em caso de dúvidas, procure seu tutor! Atividades complementares serão propostas de forma oportuna, ao longo da aula, pelo coordenador dessa disciplina.

Bons estudos e um excelente trabalho a todos.

Caro aluno, começamos mais uma aula e, dessa vez, com a seguinte pergunta: Se o ensino de línguas perpassa as questões culturais e, como foi visto, o contato com outras culturas faz com que participemos de um processo constante de redefinição identitária, o ensino de LE está imerso em um ambiente ideológico? Ou são estabelecidas situações neutras, sem a interferência da opinião e das crenças do professor? Pergunta difícil, hein?

Para ajudar, vamos refletir sobre uma outra pergunta: há algum discurso que não seja ideológico? Isso mesmo, todo discurso é baseado em uma ideologia. Nosso papel deve ser ainda mais cuidadoso quando estamos diante de um grupo de alunos, pois nenhum discurso é neutro, e sempre parte de concepções sobre o que está sendo discutido. Dessa forma, cientes desse fato, precisamos nos policiar quando debatemos algum tema em sala de aula, caso contrário, incorreremos no mesmo problema já levantado na aula 01, o de, ao ensinarmos uma LE, colonizarmos as mentes dos nossos alunos.



<http://www.theplebsite.com>

Na sala de aula, professores e alunos são envolvidos em situações comunicativas que têm, no discurso, o veículo utilizado para troca de informações, o que faz com que valores e crenças sejam transmitidos aos alunos, a depender de como o professor direciona suas concepções. Pêcheux (1990) sintetiza o poder do discurso que pode ser encontrado no professor, ao destacar que as palavras e proposições podem mudar constantemente de sentido, a depender das formações ideológicas dos sujeitos envolvidos na situação comunicativa em questão.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no qual são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1990, p. 160).

Todo discurso materializa uma determinada ideologia, consciente, ou inconscientemente, variando a depender de quem o diz e do lugar de onde é dito. É pelo discurso, dessa forma, que os sentidos do que se fala ou se escreve, por exemplo, são trazidos à realidade, determinando as relações de poder, verdades e ideologias defendidas.

Nesse começo de aula, podemos já tirar uma conclusão, a de que não se pode falar em discurso neutro ou inocente. Você percebeu que todo discurso é ideológico, e, por consequência, traz as opiniões dos sujeitos enunciadorees? Quando nos referimos a discurso e texto, englobamos tanto o texto escrito quanto o verbal, e são esses os textos que são utilizados em nossas salas de aula, diariamente. Ao levarmos os nossos alunos a refletirem sobre o conteúdo cultural apresentado no livro didático, por exemplo, nos

valem de conhecimentos e opiniões coletadas ao longo de nossas vidas, e nossa condução da atividade vai estar, dessa forma, respaldada nas experiências que tivemos e nas crenças que possuímos. Deve ser nosso papel proporcionar um momento de reflexão, de modo que os alunos possam opinar e se posicionar de forma livre, escutando outras argumentações e construindo novos significados do que está sendo discutido, e não simplesmente escutando nossas falas e internalizando-as como verdades absolutas.

Nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um embate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção por trás. (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 13).



<http://www.jesus-is-savior.com>

É importante percebermos que nada do que lemos, por exemplo, foi escrito com a neutralidade tão defendida pelo escritor, já que todo texto está carregado de intencionalidade. Deve ser nosso papel, como professor, fazer com que o aluno perceba que não basta ler as informações veiculadas pelos meios de comunicação ou pelos livros didáticos, de modo que o discente possa refletir sobre o que foi lido e tirar suas próprias conclusões. Só as-

sim, estaremos trabalhando em prol do estabelecimento de uma educação libertadora, conforme defendido por Paulo Freire (2001).

Não somente a leitura, mas qualquer outra habilidade em língua inglesa, precisa ser trabalhada juntamente com seu aspecto social, considerando-se que ensinar uma língua é trabalhar cultura, é promover reconstruções identitárias e, de acordo com as peças legislativas educacionais brasileiras, PCN (BRASIL, 1998) e OCEM (BRASIL, 2006), tem como objetivo formar cidadãos críticos, preparados para as mais diversas situações e em diferentes contextos. Questões culturais e ideológicas estão presentes na sala de aula de língua estrangeira e o professor, enquanto fomentador de questões de cidadania e da criticidade dos alunos, não pode mais se ater, puramente, aos exercícios de decodificação linguística, sendo necessário o estabelecimento de um ambiente propício para a reflexão crítica, a interação e a troca de opiniões.



<https://darmandj89.files.wordpress.com>

O discente precisa estar preparado para discutir o mundo das ideias, através da perspectiva dos multiletramentos e do letramento crítico (tópico a ser discutido mais adiante), já que a aprendizagem é uma experiência identitária, capaz de transformar quem nós somos e o que podemos fazer. Não se trata, então, apenas de um acúmulo de habilidades e informações, mas um processo de transformação e empoderamento, através do qual, ao perceber o meu papel na sociedade, e a ser capaz de interagir, me posicionar e lutar pelos meus direitos, passo a ser um sujeito ativo e transformador da minha vida e da sociedade na qual vivo.

Essa mudança de postura diante do mundo é possível, dessa forma, quando a prática do diálogo é exercida, e não de um diálogo ensaiado, obtido quando dividimos a turma em duplas e pedimos que leiam algo em pares. É necessário dialogar com o texto, com as imagens apresentadas, com as ideias compartilhadas. Somente através dessa interação é que en-

traremos em contato com várias opiniões diferentes, que nos farão refletir e nos levarão a um posicionamento. Consolidando essa prática de diálogo, seremos capazes de perceber as ideologias presentes nos embates de ideias, associando-as a contextos determinados, o que fará com que possamos fortalecer nossa identidade com autonomia e responsabilidade, e, como consequência, poderemos sentir o empoderamento libertador, defendido por Paulo Freire (FREIRE; SHOR, 1986), e perceber que somos responsáveis pelos caminhos que tomamos, caminhos estes que podem levar à mudança do *status quo* ao qual, por muito tempo, nos foi imposto.



<https://change.com.files.wordpress.com>

Ao trabalharmos questões como criticidade, autonomia e empoderamento em nossos alunos estaremos, realmente, preparando-os para uma leitura não só em LI, mas, principalmente, de mundo. É importante percebermos a ideologia sociocultural presente nos materiais didáticos e nos discursos dos professores, principalmente quando o nosso público alvo são os discentes da educação pública, uma vez que, por carregarem conhecimentos muitas vezes voltados para a realidade em que vivem e apresentarem uma bagagem cultural economicamente submissa, acabam excluídos, geralmente, das atividades sociais, econômicas e políticas das classes dominantes. Se continuarmos a reproduzir essa verdade como sendo a única válida, a ideologia da classe dominante será perpetuada e o aluno encontrará na escola um espaço de memorização de regras descontextualizadas e de leitura de histórias de vidas que são impossíveis para a realidade deles. É desse poder de empoderamento que Paulo Freire nos fala, o de fazer com que nossos alunos reflitam sobre suas realidades de vida e percebam que podem fazer uma mudança e buscar uma libertação das condições impostas como verdades absolutas, caso contrário, continuaremos transmitindo as ideologias consolidadas pelas instâncias legitimadoras de poder e perpetuadas, inclusive, pela escola.

Nessa perspectiva de criticidade e cultura, é importante exercitar um olhar: De qual local me posiciono? Vale relembrar as discussões sobre o

poder homogeneizador da globalização e das questões que envolvem o global versus o local. O professor não pode ser um mero repetidor de um discurso hegemônico das classes dominantes e das grandes potências do hemisfério norte, e, considerando que todo discurso é ideológico, devemos ter o cuidado ao nos posicionarmos e ao promovermos uma reflexão sobre os textos trabalhados, de modo a não consolidarmos um discurso neocolonizador, em que o global exerce fascínio e o local é apagado.



<http://userscontent2.emaze.com>

Vários autores, como por exemplo Canagarajah (2005), em *Reclaiming the Local in Language Policy and Practice*, preocuparam-se com o poder ideológico da educação, frente a um mundo globalizado. A tensão entre o global e o local ocorre na medida em que as fronteiras físicas vão desaparecendo com o desenvolvimento das novas tecnologias e os cidadãos passam a se identificar com elementos de outra cultura. O problema não está em se sentir atraído pela outra cultura, mas a forma como o professor trabalha as questões culturais, tendo em vista que os países do norte, majoritariamente, exercem um fascínio muito grande. Nesse momento, o embate entre local e global se acentua, visto que, por vezes, o professor em sala de aula atua como colonizador de mentes.

knowledge is a process – a process of negotiating dominant discourses and engaging in an ongoing construction of relevant knowledge in the context of our history and social practice. What is important is the angle from which we conduct this practice – that is, from the locality that shapes our social and intellectual practice’ (CANAGARAJAH, 2005, p 13).

Fica claro, dessa forma, como o local pode, então, ser silenciado, distorcido e absorver o global dentro de suas próprias características. Notou como é importante perceber que o discurso é ideológico e que o professor pode influenciar o aluno de acordo com suas convicções? Por isso, precisamos ter o cuidado de possibilitar, sempre, o amplo debate e de mostrar os vários lados da mesma história, de modo que o aluno possa refletir sobre o que é colocado, e se posicionar.

Como estamos trabalhando intimamente com as questões culturais, podemos observar que há o grupo dos que se fecham e repudiam todas as formas de cultura externa e os que, ao contrário, assimilam as culturas de países de língua estrangeira de forma tão intensa, a ponto de idealizarem as práticas, a língua e o sotaque. Prova disso, como aponta Canagarajah (2005), é o fato de que muitas instituições de ensino preferem contratar professores nativos, e os docentes não-nativos costumam ficar em segundo plano por possuírem sotaques diferentes do “modelo ideal”, o que faz com que, muitas vezes, procurem desenvolver esse “*native accent*”. Esquecem, no entanto, que o que deve ser almejado é a pronúncia correta, porque sotaque é característico de uma região e não é marca de proficiência na língua. Diante dessa questão, o professor de língua inglesa deve se posicionar, de modo a valorizar os sotaques locais e a não desenvolver práticas descontextualizadas e não politizadas.



<http://www.languageonthemove.com>

Percebeu que o professor de línguas deve estar envolvido em um processo contínuo de preparação e capacitação, mas deve estar ciente de que não há um sotaque ideal a ser alcançado? A dualidade entre inglês britânico e inglês americano não se torna mais um atrativo, já que as discussões atuais giram em torno de *world Englishes* (WE). Conforme afirma Rajagopalan (2005, p. 150-151), o inglês é uma língua mundial e a “língua inglesa que

circula no mundo, que serve de meio de comunicação entre os diferentes povos do mundo hoje, não pode ser confundida com a língua que se fala nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou onde quer que seja”. O WE questiona o papel do falante nativo como professor ideal da língua inglesa, ao atestar que a língua pertence a todos que a fala. Muitos livros didáticos já proporcionam essa reflexão sobre os Englishes, ou seja, sobre o fato de que o estudo da língua inglesa não se restringe ao estudo da pronúncia, vocabulário e aspectos culturais dos EUA e da Inglaterra. Ficou claro esse conceito de *World Englishes*? Responda a atividade a seguir para consolidação do que foi discutido.



Analise o texto apresentado no livro *Global Intermediate* e responda as questões a seguir:

Global English **A world full of Englishes**
by David Crystal

Why do we have language? To talk and write to each other. But what do we talk and write about? This is where culture comes in.

Language enables us to say who we are and how we live. It's natural, therefore, to find English-teaching courses telling us about local shops, national events, and famous places. While studying points of pronunciation, grammar, and vocabulary, learners take in a great deal of cultural information. If the course focuses on British English, the settings may be such places as Oxford Street and the Tower of London. If American English, they might be Broadway and Times Square.

Today, English is found in countries all over the world, and everywhere we see the language changing as people use it to talk about their local situation. The most noticeable change is the new vocabulary they use when they want to talk in English about plants and animals, food and drink, customs and practices, and other features of everyday life. A visitor can sometimes find it difficult to understand what's being said, especially when the conversation turns to politics, folklore, city streets, or TV personalities. Local people unconsciously use names, words, and expressions that reflect their culture, which outsiders have to learn if they want to participate. Everyone in Brazil knows what a *bateria* is (the drummers in a samba school). Everyone in India knows what a *lakh* is (a numerical unit, 100,000). Each country has thousands of words like these, many borrowed from local languages, which can form part of an English conversation. Along with regional features of pronunciation and grammar, they make up a country's national dialect of English.

The first national English dialects appeared in Britain in the Middle Ages, when the English of Scotland began to differ from the English of England. Later, American and British English diverged. Then local varieties developed in Australia, South Africa, and other territories of the British Empire. Later still, newly independent nations such as Nigeria continued the process, adapting English to suit their needs. Today, we have to be prepared for a world full of 'Englishes'.

Glossary
adapt (verb) – to change something to make it more suitable for a new use or situation
enable (verb) – to give someone the ability or opportunity to do something
outsider (noun) – someone who does not belong to a particular group or organization
unconscious (adjective) – used about things you do without realizing you are doing them or without intending to do them
personality (noun) – a famous or well-known person

Illustration: A ship with three masts, each flying a different flag. The ship is labeled 'THE OLD ENGLISH'. Below the ship are several small boats labeled with country names: S. AFRICA, BRAZIL, FRANCE, INDIA, and U.S.A.

Texto “A world full of Englishes” CLANDFIELD; BENNE, 2015, p. 15

De acordo com o autor, de que forma é feita a associação entre ensino de língua inglesa e os livros didáticos?

De acordo com o autor, qual a relação que deve existir entre o vocabulário ensinado e os países dos alunos?

Por que o autor afirma, no final do texto, que “*Today, we have to be prepared for a world full of 'Englishes'?*”

Qual a correlação que você pode fazer entre a definição de *world Englishes*, dada por Rajagopalan (2005), e o texto apresentado na atividade?

COMMENTS ON THE ACTIVITY

releia o material no que se refere às discussões sobre *World Englishes*. Leia o texto atentamente e utilize o dicionário somente para as palavras desconhecidas que não foram assimiladas por contexto. Não traduza palavra por palavra. Em caso de dúvidas, procure seu tutor.

Você percebeu a importância em buscarmos uma capacitação contínua, não somente no que se refere aos aspectos linguísticos? Capacitar-se não significa buscar a pronúncia nativa e sim aprofundar-se em conhecimentos linguísticos e pedagógicos necessários para que o aluno desenvolva competências comunicativas no idioma estudado e se aproprie da língua de forma crítica.

A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. [...] Formação que se funda na análise crítica de sua prática” (Freire, 2001, p. 259-260).

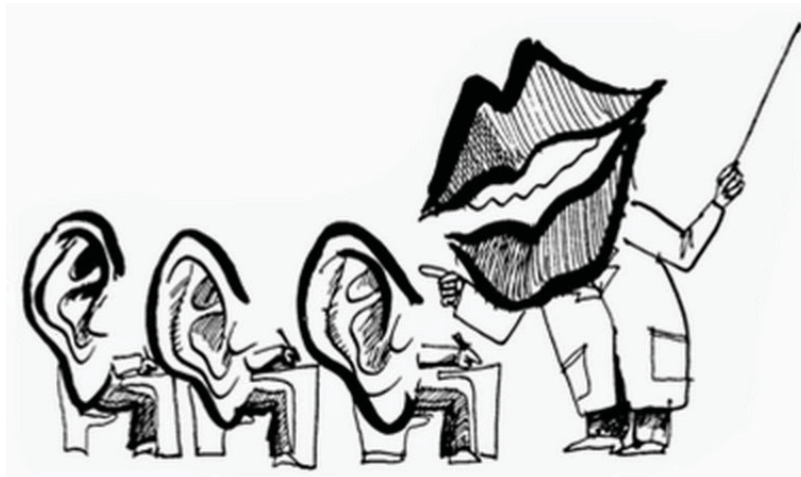
Somente analisando criticamente a sua profissão, é que o professor, e, nesse contexto, o professor de LE, perceberá que a sua função na sala não é a de simples transmissor de conteúdos gramaticais. Extrapolamos qualquer função meramente decodificadora quando percebemos que podemos transformar nossas salas em um campo de combate, baseado na troca de ideias e no posicionamento crítico, e tendo como objetivo o empoderamento do aluno.



<http://www.studyabroadmap.com>

Ter um aluno mais consciente sobre o embate de forças que permeia a sociedade, colocando-o como sujeito ativo, e, portanto, capaz de modificar sua situação social, fortalece o caráter libertador da educação, afastando-a do simples trabalho em torno do código linguístico, única preocupação do professor de línguas por muito tempo. Além das questões linguísticas, o professor envolto na perspectiva de multiletramentos percebe a importância de formar cidadãos para o mundo globalizado, preparando-os para perceber a ideologia presente em todos os discursos que lhes são apresentados.

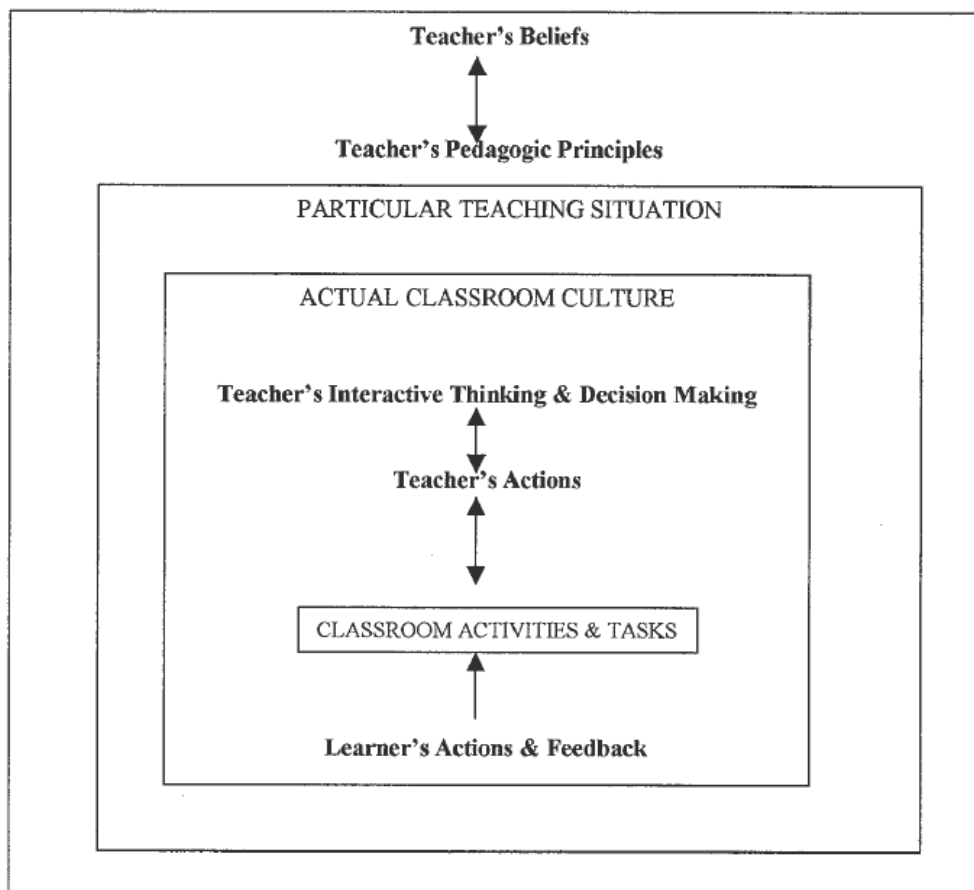
Seguindo as discussões sobre ideologia, deve-se ter muito cuidado ao trabalhar qualquer temática em sala de aula, uma vez que, ao invés de estabelecer um debate construtivo, apresentando vários pontos de vista, e permitindo a exposição de pontos de vista divergentes, o professor pode, nas palavras de Kumaravadivelu (2006, p. 181), trabalhar apenas a partir de seus próprios contextos políticos, econômicos e sociais, de modo que seu conhecimento e crenças acabam se tornando “*parochial knowledge*.”



<https://rodrigogomesblog.files.wordpress.com>

Para ilustrar um ambiente propício para o desenvolvimento linguístico e o estabelecimento de um ambiente crítico-reflexivo, Kumaravadivelu (2006) propôs um diagrama, através do qual é possível analisar as interações que acontecem durante o desenvolvimento das atividades e tarefas em sala de aula. Para que o “conhecimento paroquial” do professor não seja instaurado, é importante que as atividades sejam desenvolvidas simultaneamente por alunos e professores, sem que os alunos fiquem esperando as respostas e conclusões do professor, detentor de todo o conhecimento formal a ser aprendido na escola. É essencial, também, que o professor tenha em mente que as discussões estabelecidas em uma turma não necessariamente serão reproduzidas em outras, uma vez que cada sala de aula está inserida em uma cultura específica (cada turma tem uma história diferente, o que faz com que as interações estabelecidas sejam também diferentes). Guiando as práticas do professor, tem-se os princípios pedagógicos que o norteiam, bem como suas crenças, pois, como já foi visto, as informações e discussões

não são neutras, e tudo que é dito tem uma carga ideológica. O modo pelo qual conduzimos as atividades é que faz a diferença e determina se estamos transmitindo um conhecimento paroquial ou se estamos abrindo espaço para as diversas opiniões e posicionamentos, mesmo que contrários aos nossos.



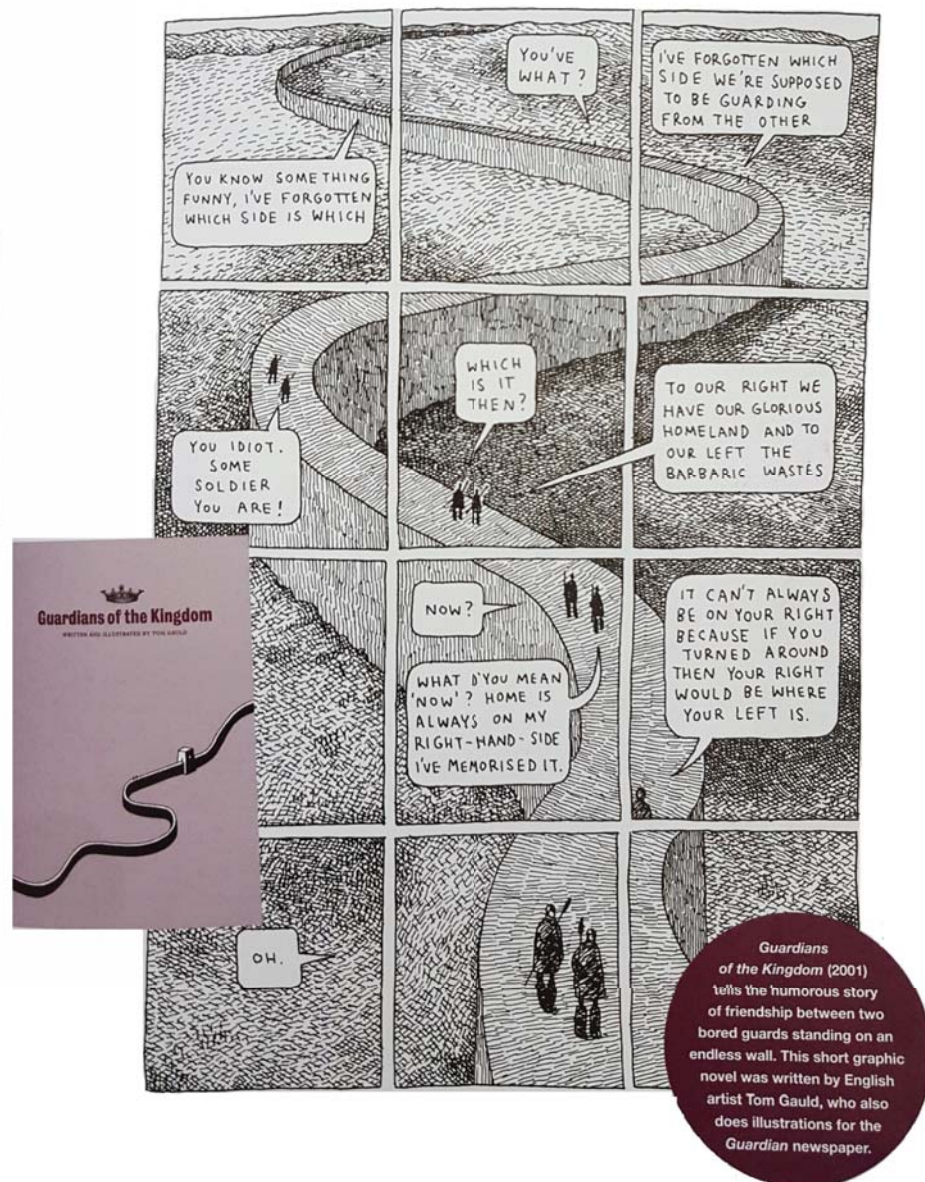
Modelo desenvolvido por Breen et al. (2001), e apresentado por Kumaravidelu (2006), sobre as práticas de sala de aula e interações entre professor e aluno KUMARAVIDELU, 2006, p. 180

Compreendeu o modelo apresentado por Breen et al (2001) na Figura 10? Ainda ficou alguma dúvida? De acordo com o gráfico, as atividades desenvolvidas em sala de aula são realizadas tendo-se como base as interações e ações simultâneas de professores e alunos. Através das ações dos alunos, os professores recebem feedback das atividades propostas, e, guiados pelo poder de reflexão e decisão do professor, essas atividades podem ser remodeladas e/ou ajustadas. Fica claro, no modelo apresentado, que os princípios pedagógicos do professor, bem como suas crenças, são canalizados para cada situação de ensino, isoladamente, levando-se em consideração, dessa forma, as peculiaridades de cada grupo.

Caro aluno, é importante o entendimento de que a prática pedagógica deve estar sempre em sintonia com o exercício crítico, uma vez que é necessário que o professor identifique as ideologias encontradas em livros, textos, músicas, peças de publicidade, tirinhas, vídeos e filmes, aparentemente inocentes, mas que podem consolidar a ideologia que dão sustentação

a práticas sociais excludentes ou de preconceito, independentemente do tipo observado. Nesses casos, é importante levar o aluno a refletir sobre o que está sendo posto, de modo que ele possa se posicionar e perceber que todo discurso é ideológico, mesmo aqueles disponibilizados através de meios mais informais, como as tirinhas e os textos verbo-visuais. Vamos analisar uma atividade?

No livro *Global Intermediate*, tem-se, na unidade 4, uma tirinha retirada do livro *Guardians of the Kingdom*, em que dois guardas conversam enquanto vigiam um muro que protege seu reino, só que, em um determinado momento, eles acabam se confundindo e não sabem mais em qual lado o reino está localizado. Confira a tirinha a seguir e as perguntas que são colocadas pelos autores.



Tirinha retirada do livro “Guardians of the kingdom”
45

CLANFIELD; BENNE, 2015, p.

Do you enjoy Reading comics and graphic novels? Are graphic novels for adults popular in your country?

Read the extract from Guardians of the Kingdom and answer the questions:

What are the men's jobs?

Are they friends or enemies?

What is the problem?

Read the text again and find these words and expressions.

A positive adjective

A negative adjective

A question to check understanding

An expression of surprise

A criticism

Work in pairs. Did you enjoy reading the text? Is the author trying to make a point? What could it be?

Ao analisarmos a tirinha e as perguntas, podemos fazer algumas análises sobre o modo pelo qual o texto foi trabalhado pelo autor. Em um primeiro momento, tem-se uma pergunta geral, com o objetivo de situar o leitor sobre o tema e o gênero a ser trabalhado. A questão número 2 se relaciona à tarefa de localização de informação no texto apresentado. É perceptível uma preocupação puramente linguística na questão 3, com o objetivo de incentivar a identificação de vocábulo específico. A questão 4 se constitui no único momento em que a criticidade do aluno é trabalhada e o aluno é levado a refletir sobre as mensagens que podem ser encontradas no texto, partindo de discussões em pequenos grupos, inicialmente. Nesse momento, o papel do professor é fundamental, uma vez que o trabalho desenvolvido com os alunos pode ser superficial e girar em torno do que foi dito, ou pode levar a uma discussão mais aprofundada sobre as ideologias transmitidas por setores do poder e os partidos que são tomados pela sociedade, que escolhe um lado para defender sem que, necessariamente, conheça esse lado em profundidade. Vamos tentar analisar o próximo exemplo na atividade que se segue?



ACTIVITY

Analise o texto e as questões retiradas do livro *American English File 3* e escreva um texto de cerca de 10 linhas sobre o modo pelo qual as atividades trabalham a criticidade e de que forma o professor poderia trabalhar o texto, associando-o com as relações estabelecidas através das mídias sociais.

- a How often do you see your really good friends? Would you like to see them more often? Do you spend much time with people you don't really like?
- b Now read the magazine article. What does "edit your friends" mean?

Do you need to "edit your friends?"

Is your cell phone directory full of phone numbers of people you don't really want to talk to? Do you go out with people from work or school more often than with your real friends? Do you say yes to invitations because you think you should, not because you want to? If you answered yes to at least two of these questions, then maybe it's time to "edit your friends?"

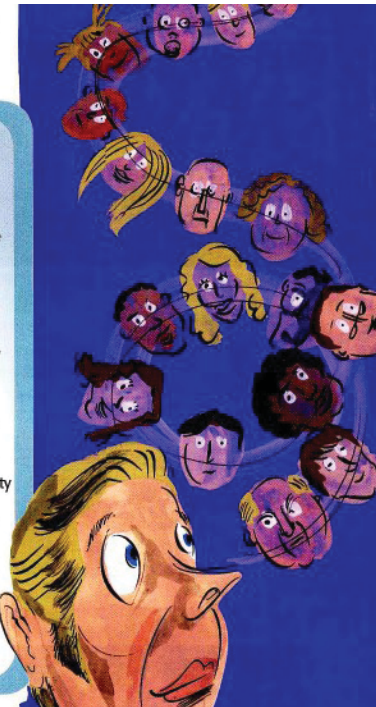
Nowadays people tend to spend a lot of time socializing with coworkers or classmates. The result is that we don't have enough time to see our real, close friends. As our lives get busier, it becomes more important to spend the little free time we have with people we really want to see, people we love and who really love us.

Who are the friends you need to edit? A few years ago, I read a book about how to get rid of unnecessary possessions.

It said you should ask yourself about each thing you have: Is it useful? Do I really like it? Do I feel better every time I look at it? If the answer is no to any one of those questions, you should throw it away. Maybe we should ask similar questions about our friends.

What kind of friends will you probably need to edit? Sometimes it's an old friend — somebody that you used to have a lot in common with, but who, when you meet now, you have very little or nothing to say to. Or it might be a new friend that you get along pretty well with, but who is taking up too much of your time. Next time one of these people calls you and suggests a meeting, think, "Do I really want to see this person?" and if the answer is no, say no, and make an excuse. That way you'll have more time to spend with your real friends.

Adapted from a magazine



Atividade de leitura do livro American English File 3 KOENG, p. 62

OXENDEN, Clive; LATHAM-

Do you agree with the article? Do you need to edit your friends?

COMMENTS ON THE ACTIVITY

releia o material dessa aula, principalmente a análise feita da atividade retirada do livro *Global Intermediate*. Leia o texto atentamente e utilize o dicionário somente para as palavras desconhecidas que não foram assimiladas por contexto. Não traduza palavra por palavra. Em caso de dúvidas, procure seu tutor.

Uma das peças de legislação que rege o ensino no Brasil é clara em afirmar que “Um idioma não pode ser aprendido isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos” (BRASIL, 2006, p. 90). Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, o ensino de línguas é visto como um “trabalho educacional em que as disciplinas do currículo escolar se tornam meios. Com essas disciplinas, busca-se a formação de indivíduos”. As línguas estrangeiras precisam, dessa forma, valorizar não apenas os aspectos gramaticais e lexicais da língua, conforme debatido anteriormente, mas, principalmente, as questões sociais e culturais, e valores, como a cidadania, a autonomia, a criticidade e a reflexão.

A contribuição de uma aprendizagem de Línguas Estrangeiras, além de qualquer instrumentação linguística, está, [entre outras coisas], em estender o horizonte de comunicação do aprendiz para além de sua

comunidade linguística restrita própria, ou seja, fazer com que ele entenda que há uma heterogeneidade no uso de qualquer linguagem, heterogeneidade esta contextual, social, cultural e histórica (BRASIL, 2006, p. 92)

Nessa perspectiva, o diálogo com o outro não significa apagamento de valores ou expressões culturais, e sim um ambiente em que o compartilhamento de conhecimentos e experiências possibilita a ampliação na visão de mundo, levando a novas redefinições identitárias e a uma percepção da ideologia presente nos discursos apresentados.

Assim, é possível perceber que as questões ideológicas estão muito presentes na sala de aula e é fundamental que o professor de língua esteja atento para todas as suas nuances, uma vez que, em sala de aula, o papel do professor, em consonância com os PCN, OCEM e letramento crítico, é de oferecer não somente conteúdo linguístico, mas extrapolar esse trabalho mecânico e legitimar as culturas e as múltiplas identidades dos alunos. Um professor ciente de que o conhecimento é ideológico e que os alunos trazem consigo toda uma bagagem de experiências, precisa dar poder aos alunos, através de práticas contextualizadas e que os preparem para enxergar o mundo de forma crítica, além do que impõem as comunidades dominantes. Um trabalho com as questões ideológicas em sala de aula pode gerar novos significados e formar cidadãos mais preparados para as mais distintas situações do mundo.

A formação de alunos críticos e preparados para a vida envolve, por exemplo, discussões acerca dos modelos de família, o papel da mulher, as questões raciais, cultura e etc. Os alunos precisam perceber que tipo de família é tratado no livro, o papel dos negros nessa família, da mulher e do homem, e diante dos pontos analisados, os alunos devem ser capazes de analisar criticamente as situações e se posicionarem diante do que foi discutido, identificando o seu papel na sociedade, como agente ativo e modificador, em busca da concretização dos seus anseios e da sua posição social, cultural e econômica.

Acabamos de discutir as questões relacionadas ao ensino de língua inglesa, através da relação direta com temas como cultura, criticidade, autonomia e ideologia. Para que todas as dúvidas possam ser sanadas, é importante que você releia todo o material e tire suas dúvidas como o seu tutor.

Bons estudos!

CONCLUSION

Assim, finalizamos a nossa quinta aula. Através das discussões aqui propostas, percebemos a importância em compreender o teor ideológico de todos os discursos proferidos, de modo que possamos ter ciência de que nosso papel em sala de aula precisa ser o de mediador de trocas culturais e

discussões sobre os temas propostos, sem que um conhecimento paroquial seja instaurado, com o professor colonizando as mentes dos alunos com base nas suas crenças e convicções.

Através do estabelecimento de um ambiente propício ao diálogo, através do qual os argumentos são levantados e as reflexões incentivadas, o aluno pode trabalhar com autonomia e reflexão, através de uma pedagogia que privilegie a criticidade e o empoderamento dos alunos. Dessa forma, estaremos cumprindo com nosso verdadeiro papel de formação de cidadãos.

Lembramos, mais uma vez, que atividades extras e complementares poderão ser postadas pelo seu professor na plataforma do seu curso.

Bons estudos e um ótimo desempenho a todos!!



SUMMARY

A nossa quinta aula teve por finalidade discutir a relação entre ensino de línguas, cultura, autonomia e ideologia. Percebemos, inicialmente, que todo discurso é ideológico, já que não há neutralidade entre os interlocutores do discurso. Nossas opiniões, crenças e convicções permeiam nossos discursos e podem influenciar o aluno, que vê, no professor, a figura de um mentor intelectual e de cujas opiniões deve compartilhar. Sendo assim, precisamos estabelecer um ambiente educacional que privilegie práticas de discussão e reflexão, de modo que o aluno, com autonomia, possa se posicionar diante do cenário apresentado.

A prática do diálogo deve, dessa forma, ser exercida em plenitude, investindo-se em um processo de transformação e empoderamento, através do qual, ao perceber o meu papel na sociedade, e a ser capaz de interagir, me posicionar e lutar pelos meus direitos, passo a ser um sujeito ativo e transformador da minha vida e da sociedade na qual vivo.

Para desenvolver esse papel de formação de cidadãos, o professor de línguas precisa perceber a relação entre o fascínio do global e resistência do local, para que seus alunos possam refletir e analisar as informações às quais têm acesso, com o intuito de evitar uma completa internalização do que a mídia difunde como sendo o correto.

Para Canagarajah (2005), é essencial que nós, professores, lutemos contra essa imposição dos discursos homogêneos provenientes das comunidades que estão no poder, de modo que possamos despertar em nossos alunos a certeza de que eles podem fazer a diferença e se colocar diante das várias situações às quais serão expostos, não se contentando em reproduzir a realidade que a elite traçou como sendo a única possível. Para tanto, devemos evitar o estabelecimento de práticas voltadas para a consolidação

do conhecimento paroquial do professor (Kumaravadivelu, 2006), criando um ambiente propício para a reflexão e a criticidade. Para ilustrar, foram apresentadas algumas atividades retiradas de livros didáticos, com o objetivo de analisarmos até que ponto os materiais didáticos trabalham com a leitura crítica e de que forma o professor pode estabelecer um ambiente favorável para que práticas contextualizadas e que incentivem à reflexão crítica sejam asseguradas.



SELF-EVALUATION

Sou capaz de compreender os conceitos de Cultura e Identidade?

Sou capaz de compreender os conceitos de Ideologia?

Sou capaz de discutir as questões relacionadas à ideologia e ao ensino de LE?

Sou capaz de compreender o relacionamento entre termos tais como criticidade, autonomia e empoderamento?



NEXT CLASS

Na nossa próxima aula, cujo tema será “*A dimensão intercultural do ensino da língua inglesa*”, nós vamos analisar alguns materiais didáticos, bem como o modo pelo qual o professor pode desenvolver uma abordagem intercultural em sala de aula, de modo a evitar a consolidação de estereótipos e a facilitar as trocas culturais e o estabelecimento de um ambiente de aprendizagem que privilegie a autonomia e a criticidade.

REFERENCE

_____. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - Língua Estrangeira - 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio** - volume 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CANAGARAJAH, Suresh. **Reclaiming the Local in Language Policy**, New York: Routledge, 2005.

CLANDFIELD, Lindsay; BENNE, Rebecca Robb. **Global Intermediate Coursebook**. London: Macmillan, 2015.

- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003
- FREIRE, Paulo.; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. Carta aos professores. **Revista Estudos Avançados**, v. 15. n° 4, pp. 259-68, 2001.
- KURAMAVADIVELU, B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching**. New Haven and London: Yale University Press, 2003.
- KURAMAVADIVELU, B. **Understanding Language Teaching: from Method to Postmethod**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.
- LACEY, Frank. Autonomy, never, never, never! **Independence** (42), 4-8, 2007. In <<http://chaoyang2014.wikispaces.com/file/view/Autonomy+Never+Never+Never.pdf>>. Acesso em 16 de março de 2016.
- OXENDEN, Clive; LATHAM-KOENG, Christina. **American English File 3 Student book**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1990.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Ives.; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Org.) **A geopolítica do inglês**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005, pp. 135-159.